

## FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (1)

Francisco Taborda, S.J. \_\_\_\_\_

### Philosophy and Human Sciences.

Philosophy defines itself through the relationship between Philosophy and human sciences. To establish, however, a relationship we need, right from the beginning, a concept of Philosophy. The author starts from the point of view that Philosophy is "(its) time seized by thought" (Hegel). But he denies that the logical Positivism reducing Philosophy of our "age of exact and physic-natural sciences" to the Theory of Science, can define Philosophy adequately. The reason is because the logical Positivism leaves aside man, the subject of science. (1st. part).

Philosophy has to work out man. But man can be object of thought only through human sciences. Three sciences (Psychology, Sociology and History) are taken as the paradigm of the relationship Philosophy-Human Sciences. The analysis of the present state of these sciences show them divided into opposite conceptions, born, ultimately, from opposite philosophies (2nd. part).

From these premises the conception of Philosophy as a critic knowledge of the totality is sketched out as a constant movement of self-critic and self-overcoming. In relation to human sciences Philosophy has to free the sciences from the loss of the global meaning for a meeting of the total with the particular (3d. part).

O problema da relação entre diferentes disciplinas do saber é sempre também uma caracterização das mesmas a partir do próprio processo de relacionar-se. Tal deve ser o pressuposto e tal é o sentido de toda compara-

ção entre diversos ramos do saber. Nessa perspectiva deverá ser explanado aqui o tema "Filosofia e Ciências Humanas". Ele repete a seu modo a pergunta tradicional: "o que é Filosofia?" Daqui resultará, pois.

um aprofundamento do conceito de Filosofia e a indicação de seu tema central, hoje. Que esses dois aspectos emergjam da reflexão juntos, é muito natural, se se considera que todo saber humano se especifica pela relação mútua entre método e objeto (2).

Se se promete do presente trabalho uma concepção mais aprofundada de Filosofia, nem por isso se poderá partir da estaca zero para com surpresa alcançar na meta o sentido do filosofar. O discurso filosófico caracteriza-se exatamente pela aporia de, já ao perguntarmos pelo conceito de Filosofia, estarmos em pleno filosofar. O desenrolar do trabalho deverá articular o que de início já se realiza e está presente. "A Filosofia já está em ação e, portan-

to, já está determinada, quando começa a determinar-se" (3).

Pode-se, pois, iniciar esboçando, com Hegel, a Filosofia como "seu tempo apreendido em pensamento" (4). Ora, a época atual distingue-se, sem dúvida, como a "era das ciências exatas e físico-naturais". A questão que surge de imediato é, pois, se apreende nosso tempo uma Filosofia que se centre na problemática da ciência e se reduza a ser Teoria da Ciência. Neste caso deveríamos reconhecer no Positivismo Lógico a Filosofia procurada. Essa resposta acarretaria, por sua vez, a negação da validade de uma ampla gama de problemas pensados e repensados pela tradição filosófica. A primeira parte do trabalho dedicar-se-á a esta discussão, para concluir pela insu-

(1) O presente trabalho foi apresentado na Semana de Reflexão Filosófica, realizada em Viamão, RS, de 20 a 23 de maio de 1975, promovida pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Imaculada Conceição e pelo Diretório Acadêmico Tristão de Ataíde. O tema geral da Semana era a "função humanizadora da Filosofia hoje". — Esta conferência deve muito aos repetidos e prolongados colóquios com meu amigo Marcelo Fernandes de Aquino S.J. Na impossibilidade de indicar em particular o quanto este trabalho deve a suas sugestões e a seu incentivo, fique desta forma expresso meu agradecimento. — Neste trabalho são empregadas as seguintes siglas:

EncPh - P. EDWARDS (editor), *The Encyclopedia of Philosophy*, 8 vol., Nova York - Londres 1972 (reimpressão).

HbPhGb - H. KRINGS - H. M. BAUMGARTNER - C. WILD (editores), *Handbuch Philosophischer Grundbegriffe* (Studienausgabe), 6 vol., Munique 1973s.

PhR - Philosophische Rundschau, Tübingen 1953ss.

SacrM - K. RAHNER e outros (editores), *Sacramentum Mundi. Theologisches Lexikon für die Praxis*, 4 vol., Friburgo - Basileia - Viena 1967ss. Tradução espanhola: *Sacramentum Mundi. Enciclopédia Teológica*, 6 vol., Barcelona 1972ss.

(2) As linhas gerais deste problema já foram esboçadas pelo autor: F. TABORDA, *Teologia e ciências no diálogo interdisciplinar*, em: REB 34 (1974) 824-839 (aqui: 830-831 com indicações bibliográficas da nota 21).

(3) H. M. BAUMGARTNER - H. KRINGS - C. WILD, *Philosophie*, em: HbPhGb IV 1071-1087 (citação: 1071 - cf. 1071-1072).

(4) "... so ist auch die Philosophie, ihre Zeit in Gedanken erfasst" G. W. F. HEGEL, *Grundlinien der Philosophie des Rechts* (Jubiläumausgabe, vol. VII), Stuttgart 1952, 3ª ed., p. 35.

ficiência de pensar nosso tempo só considerando as ciências exatas e físico-naturais, reduzindo assim o homem à unidimensionalidade de um robô. Desta reflexão emergirá a necessidade de pensar o homem. Mas o homem, hoje mais do que nunca, só pode ser tema de reflexão mediado pelas ciências (máxime humanas). Na segunda parte deste trabalho deverá refletir-se sobre o sentido das ciências humanas que medeiam à Filosofia o tema "homem". Três ciências (Psicologia, Sociologia e História) serão tomadas como paradigma, perguntando-se sobre a relação mútua entre a Filosofia e essas ciências. Desse confronto surgirá a concepção de Filosofia a ser esboçada na terceira parte.

A Filosofia é "seu tempo apreendido em pensamento". Uma caracterização de nossa época confronta-se de imediato com o predomínio das ciências exatas e físico-naturais. Essa primazia não significa simplesmente que estamos rodeados de artefatos técnicos: ligamos a luz elétrica como se fizéssemos

algo muito evidente e natural, apertamos botões para pôr máquinas em funcionamento com a mesma naturalidade com que nossos antepassados plantavam árvores, vemos televisão e ouvimos rádio como se a transmissão de imagens e de sons a dezenas e centenas de quilômetros de distância fosse tão natural como o nascer e o pôr do sol cada dia. A primazia das ciências exatas e físico-naturais que dá colorido próprio a nosso tempo, é muito mais profunda: a própria atitude e modo de pensar do homem hodierno são "cientificados" (5). Confiança cega no observável e mensurável e exigência de racionalidade marcam a mentalidade corrente (6), exatamente em decorrência de a ciência e a técnica se terem tornado quotidianas.

Desta forma, deve-se constatar como dado sobre nossa época que a ciência se tornou uma potência (senão a potência) forjadora de nosso tempo. A Filosofia que se entenda com a tarefa de realizar a análise de sua época, não pode passar por alto essa característica (7). Deverá essa Filosofia dedicar-se, pois, com exclusividade a pen-

(5) Cf. MAX MÜLLER, *Existenzphilosophie im geistigen Leben der Gegenwart*, Heidelberg 1964, 3ª ed., p. 143 (cf. 144-147). Entretanto o autor discorda do modo como Max Müller estabelece a relação "Filosofia - Ciência - Técnica" e caracteriza "a Filosofia na era da ciência" (p. 140, título do cap. III). Sua perspectiva heideggeriana relega a Filosofia para fora do âmbito da ciência (cf. tese 4: "Philosophie ist keine Wissenschaft" p. 154) e abandona-a a um domínio muito vago, talvez próximo à poesia. É o que obriga a concluir o confronto da tese 4 (antes citada) com a tese 3: "das Wesen der Wissenschaft ist die Methode" (p. 149).

(6) Cf. W. SCHULZ, *Philosophie in der veränderten Welt*, Pfullingen 1972, p. 31.

(7) Cf. W. SCHULZ, *loc. cit.*, p. 89.

sar a ciência? Será sua função desmascarar os demais problemas filosóficos como pseudo-problemas? É o que se deverá discutir inicialmente a partir de breve análise do Positivismo Lógico, a corrente filosófica que, na hipótese levantada, expressaria melhor o nosso tempo, reduzindo a Filosofia a Teoria das Ciências (8).

O Positivismo Lógico é produto típico da "mentalidade científica", como também influi para sua formação e consolidação. **Negativamente**, caracteriza-se pela rejeição de toda e qualquer afirmação e atitude que tenha ressaibos de metafísica. Em seu lugar deve entrar a ciência, marcada por exatidão, possibilidade de comprovação e respaldo na experiência sensível. Proposições científicas podem ser verificadas, comprovadas e protocoladas, o que não acontece com afirmações da metafísica.

A crítica à metafísica adquire no Positivismo Lógico a dimensão de crítica à linguagem da metafísica. Assim o Positivismo Lógico estabelece duas classes de proposições legítimas: as proposições analíticas ou tautológicas da Matemática e da Lógica e as proposições sintéticas, dotadas de sentido determinado na verificação (proposições da ciência real). Aquelas

não se relacionam imediatamente com a realidade sensível, mas não podem ser chamadas de sem sentido, pois suas variáveis podem ser substituídas por dados do real. As proposições sintéticas são as únicas que tem "sentido". As primeiras são formais, as últimas apresentam conteúdo. Todo outro tipo de proposições é não só vazio de significado (como as proposições da Lógica e da Matemática), mas mesmo sem sentido. Tal é o caso das proposições metafísicas.

As proposições são, portanto, julgadas segundo o ideal do "fiscalismo", isto é, segundo sua proximidade com as "proposições protocolares" da Física. Isto equivale a pôr junto ao princípio da empiria, o princípio da verificabilidade como critério da legitimidade de uma proposição. Verificar é referir uma proposição a objetos (fatos, estados de coisa) dados na experiência sensível. Mas como se relacionam e se distinguem esses dois âmbitos: o dado e sua expressão na linguagem? Aqui surge com toda a crueza o problema da verdade que não pôde ser vencido, mas apenas escamoteado pelo Positivismo Lógico. De fato, esta aporia fundamental ocasionou em última análise a dissolução do Círculo de Viena. Tanto a volta à metafí-

(8) Sobre o Positivismo Lógico cf. J. LADRIÈRE, *L'articulation du sens. Discours scientifique et parole de la foi*, (Paris) 1970, p. 73-90; E. TUGENDHAT, *Tarskis semantische Definition der Wahrheit und ihre Stellung innerhalb der Geschichte des Wahrheitsproblems im logischen Positivismus*, em: *PhR* 8 (1960) 131-159 (aqui: 144-159); W. SCHULZ, *loc. cit.*, p. 29-67.

sica, representada pela "teoria da coerência" de O. Neurath, como a redução da Filosofia à sintaxe (9), operada por R. Carnap, significam a renúncia ao princípio da verificação.

Essa autodissolução do Positivismo Lógico interessa no contexto deste artigo, enquanto manifesta que sua pretensão de reduzir a Filosofia a Teoria das Ciências não foi coroada de êxito. Em vez disso, outra problemática passa ao centro do filosofar com a consolidação da Filosofia Analítica da Linguagem que é como que um segundo momento do mesmo movimento que levava ao Positivismo Lógico.

Frente à crítica positivista e ao próprio destino dessa corrente filosófica, a atitude correta do filósofo será aceitar a crítica no que há de justo e, aceitando-a, superá-la, evitando desta forma o destino do Círculo de Viena. Quando Carnap, por exemplo, denuncia a existência de problemas aparentes na Filosofia tradicional e traz os exemplos da realidade do mundo exterior e da realidade do outro, não está mais que denunciando posições falsas que devem ser deixadas de lado pela Filosofia,

sem sequer uma justificativa para seu abandono (10). A crítica é pertinente. Ao filósofo compete voltar as costas a essa problemática bizantina e acometer as questões de sua época. Mas essas questões não podem ser cerceadas por um "a priori" (em última análise, metafísico), como é o caso no Positivismo Lógico com seu princípio da empiria.

Exatamente neste ponto se manifesta a limitação (inclusive temporal) do Positivismo Lógico. Ofuscado pelo ideal da ciência exata, esse tipo de pensamento se fixa em seu tempo sem ultrapassar a ciência particular atual e sem abrir caminho para nova era. É nesse sentido que se deve assumir a crítica de K. Popper ao Positivismo Lógico. Popper procura denunciar o caráter metafísico oculto no suposto rigor científico neopositivista. O método da indução, procurando fundamentar a ciência em certezas últimas (mesmo que sejam certezas de ordem empírica), é para Popper uma teologia simulada. Seu método do "trial and error", ao contrário, reduz todo o saber a conjeturas, modelos e hipóteses, e erige a falsificação como método universal em substitui-

---

(9) A Filosofia reduz-se a Matemática da Linguagem, só se preocupando com o sinal sem pensar naquilo que é significado pelo sinal (semântica) ou com aquele para quem o sinal significa algo (pragmática).

(10) Cf. W. SCHULZ, loc. cit., p. 35-36.

ção à indução (11). Ele devolve, pois, ao conhecimento o caráter histórico de abertura ao futuro que no Positivismo Lógico ficara, pelo menos, em segundo plano, se é que não fora esquecido totalmente em favor de uma concepção fixista de saber. Popper recorda assim o caráter de processo, próprio à pesquisa científica, caráter já acentuado anteriormente pelo pragmatismo de Ch. S. Peirce (12)s como seria recentemente assumido numa visão mais satisfatória por T. S. Kuhn (13).

Não dando a devida atenção ao caráter de processo, próprio à pesquisa científica, o Positivismo Lógico abstrai do homem, sujeito da ciência. Acorrenta-o à dimensão presente e tanto mais irremediavelmente, quanto a pergunta pelo homem ou é rejeitada como sem sentido, ou é relegada às ciências particulares. No Positivismo Lógico, o homem aparece quando muito como sujeito da ciência e sobre ele enquanto tal é vedado refle-

tir sob pena de retornar ao sem sentido da metafísica.

Esse descaso pelo homem, mesmo pensado enquanto mero sujeito da ciência, é tendencialmente superado, quando a Filosofia Analítica da Linguagem se volta à linguagem e descobre sua dimensão "pragmática". A análise do ato de designar algo ("Bezeichnung", "semiosis") explicita seus três componentes: o sinal, o sinalizado e aquele para quem o sinal é sinal do sinalizado. Conforme isto, a teoria da linguagem deverá ser não apenas sintaxe (que considera os sinais), nem apenas semântica (relacionando sinal e sinalizado), mas também pragmática (reunindo numa reflexão os três componentes e dando valor, portanto, também ao homem) (14).

Numa posição muito aparentada ao Positivismo Lógico, como é a Filosofia Analítica da Linguagem, supera-se assim a unidimensionalidade científica que descurava o homem. Supe-

- 
- (11) Cf. K. POPPER, *Conjectures and Refutations. The Growth of Scientific Knowledge*, Londres 1969, 3. ed., ID., *The Logic of Scientific Discovery*, Londres 1972, 6. impressão Sobre a posição de Popper cf. W. PANNENBERG, *Wissenschaftstheorie und Theologie*, Frankfurt 1973, p. 37-44; A. QUINTON, Popper, Karl Raimund, em: *EncPh* 398-401.
- (12) Cf. C. S. PEIRCE, *Selected Writings*, ed. por Ph P. WIENER, Nova York 1966. Sobre Peirce leia-se K. O. APEL, *Der philosophische Hintergrund der Entstehung des Pragmatismus bei Charles Sanders Peirce*, em: C. S. PEIRCE, *Schriften I: Zur Entstehung des Pragmatismus*, ed. por K.-O. APEL, Frankfurt 1967, p. 11-153; K.-O. APEL, *Peirces Denkweg vom Pragmatismus zum Pragmatizismus*, em: C. S. PEIRCE, *Schriften II: Vom Pragmatismus zum Pragmatizismus*, ed. por K.-O. APEL, Frankfurt 1970, p. 10-211; G. EZORSKI, *Pragmatic Theory of Truth*, em: *EncPh* VI 427-430.
- (13) Cf. T. S. KUHN, *The Structure of Scientific Revolutions*, Chicago 1970; 2ª ed.
- (14) Cf. E. TUGENDHAT, art. cit., p. 153.

rando o Neopositivismo na dimensão da linguagem, nem por isso a Filosofia Analítica dedicou-se a pensar o homem, sujeito da linguagem. Parou antes no instrumento, quer formalizando-o quer tomando-o em sua espontaneidade natural e quotidiana. Não é ela tampouco, a Filosofia que aqui se busca, pois uma Filosofia que queira apreender seu tempo, deverá abranger não só a linguagem do homem, mas o homem que se expressa na linguagem.

## II

Querendo apreender seu tempo em pensamento, a Filosofia hoje deverá pensar o homem. Deverá pensá-lo exatamente por estar englobado numa "era das ciências exatas e físico-naturais", ameaçado pelo predomínio da técnica, relegado a segundo plano ante a primazia do domínio sobre a natureza.

Mas como a Filosofia atinge o homem? Numa época caracterizada pelo saber científico, o acesso ao homem não pode verificar-se na suposta imediatidade da introspecção ou do dado evidente da consciência. As ciências mesmas deverão servir de mediação.

Segundo suas características específicas, tanto as ciências chamadas "exatas" como as ciências humanas poderão mediar o homem à Filosofia. O tema deste artigo restringe a reflexão à ação mediadora das

ciências humanas. Querer refletir sobre o homem hoje à margem ou contra as ciências que sobre ele versam, é não advertir em que toda imediatidade é mediada. A reflexão filosófica sobre o homem hoje exige, pois, como propedêutica pensar a relação entre Filosofia e ciências (humanas). E neste pensar já estaremos em plena reflexão sobre o homem, já que não há em Filosofia uma propedêutica que fosse exterior ao problema a que ela introduz e prepara.

A Filosofia hoje deve pensar o homem, tal como este lhe é mediado pelas ciências humanas. Que significa esta tese para um aprofundamento das relações entre Filosofia e ciências humanas e, o que vem a ser o mesmo, para a compreensão de Filosofia e ciências humanas?

A limitação deste trabalho impõe que se restrinja o estudo apenas a algumas ciências humanas que poderão ser aqui tratadas a título de paradigma ou exemplo. Sejam três essas ciências: a Psicologia, a Sociologia e a História. Elas abrangem três dimensões que já tradicionalmente foram tema da reflexão filosófica sobre o homem: interioridade, socialidade e historicidade.

Mas, no momento mesmo em que queremos atingir o homem pela mediação dessas ciências, deparamos com o fenômeno de uma divisão interna entre seus representantes no tocante à concepção mesma de cada uma

delas: a Psicologia entre uma linha psicanalítica e uma behaviorista, a Sociologia entre uma teoria dialética e uma analítica, a História entre uma concepção dialética e uma analítico-estruturalista.

Impõe-se deter a reflexão nessa diversidade de concepções (15).

Conforme ficou antes esboçado, no domínio da ciência psicológica há na atualidade, em linhas gerais, duas grandes direções: uma com suas raízes últimas na Psicanálise oriunda de S. Freud, outra inspirada pelo "behaviorismo clássico" de J. B. Watson. Ambas concordam no apreço de métodos empíricos e na aplicação terapêutica a casos de comportamento distúrbado. Mas o modo de explicar os fenômenos e com isso a terapia empregada bem como a finalidade visada na cura, são diametralmente opostos.

A Psicanálise de inspiração freudiana explica os fenômenos psíquicos observados, interpretando-os a partir do interior do homem, interior esse que é determinado pela dialética de id, ego e superego. As forças instintivas ("Trieb") (17) que constituem o cerne primordial

do homem, são o elemento determinante na explicação dos fenômenos psíquicos. Essas forças são recebidas por herança e são em si independentes do mundo exterior. É o id. Em confronto com os estímulos do mundo exterior essas forças cegas se organizam durante a fase de desenvolvimento da criança, resultando desse processo o ego. Nesse processo de diferenciação do ego com relação ao id que lhe dá origem, manifesta-se uma relação e oposição típicas entre ambos: o ego é aquele que realiza os instintos e, portanto, está a serviço do id, enquanto dele tem sua gênese, mas ao mesmo tempo tem que se separar do id para possibilitar que o homem se refira à realidade. Desta forma Freud pode ao mesmo tempo unir e opor o ego ao id.

A mesma dialética aparece na explicação da origem do superego. Também ele canaliza as energias do id, mudando-lhe o rumo num fenômeno de interiorização ou introjeção. Amor e agressão dirigidas ao exterior são desviadas para sobre si mesmo. O impulso de amor introjetado erige um ego ideal em medida de todo comportamen-

(15) Naturalmente o ideal seria uma ampla explanação de cada uma das direções, tomando em consideração os diferentes autores e a evolução de cada um. Mas a finalidade do trabalho obriga a renunciar a essa tarefa.

(16) Para a interpretação de Freud e do behaviorismo exposta a seguir: cf. W. SCHULZ, loc. cit., p. 673-697.

(17) P. RICOEUR, De l'interprétation. Essai sur Freud, Paris 1965, p. 120, traduz "Trieb" por "pulsion".

to, enquanto o instinto de agressão, uma vez voltado sobre si, instaura sobre o ego a ditadura do superego.

Ao contrário da linha psicanalítica da Psicologia, a direção behaviorista procura no exterior a explicação para os fenômenos psíquicos em questão. Seus representantes vêem no esquema estímulo-reação a chave de tudo. Só nesses quadros julgam fazer jus a seu ideal de fundamentar a Psicologia em fenômenos controláveis por verificação e observação. Desta forma a Psicologia em moldes behavioristas atinge uma extraordinária exatidão que a parece aproximar das chamadas "ciências da natureza" (18), detendo-se cada vez mais nos fenômenos singulares, deixando em segundo plano as questões globais.

Correspondendo à diversidade de concepções na maneira de explicar os fenômenos psíquicos, as duas direções paradigmáticas da Psicologia atual diferem na terapia dos casos patológicos e na finalidade por ela visada, isto é, na própria concepção de doença e saúde psíquicas.

A direção psicanalítica vê na terapia uma ajuda para que o doente integre no ego os instintos do id. A terapia é assim

compreendida como um processo de auto-esclarecimento do homem, pelo qual este (ao menos tendencialmente) assume sua existência em responsabilidade. Trata-se de estabelecer o primado do ego sobre o id e de libertar, portanto, o homem do domínio dos instintos. O ideal da terapia é fazer-se supérflua, tornando o paciente autônomo e livre.

A "terapia de comportamento" – de acordo com os princípios behavioristas – parte do exterior do paciente, procurando influenciá-lo de fora. Ela consiste numa "domesticação", "domação" ou adestramento que adapte o indivíduo à sociedade, de modo a que se sinta feliz em seu meio ambiente. Trata-se, pois, de mudar os condicionamentos do sujeito, estabelecer uma nova conexão entre estímulo e reação.

A oposição entre as duas direções da Psicologia resume-se na finalidade que têm em vista: adaptação ou liberdade.

A **Sociologia** é o segundo exemplo escolhido para elucidar como as ciências humanas medeiam o homem à reflexão filosófica. Novamente se depara com o mesmo fenômeno de divi-

---

(18) O aspecto problemático da divisão das ciências em "ciências da natureza ou exatas" e "ciências humanas" (menos exatas?), o autor já teve ocasião de notar em seu artigo já citado, p. 826-830.

são antes mencionado (19). Também aqui a divisão se es-  
quematiza em duas perspecti-  
vas opostas: por um lado na  
linha de uma "teoria crítica",  
por outro na de uma "teoria  
analítica" do social.

A Sociologia na perspectiva  
da "teoria crítica" deve levar em  
consideração a dialética de teo-  
ria e objeto, teoria e experiên-  
cia. Isto significa não apenas  
contentar-se com um fragmento  
da realidade, mas considerar o  
fragmento em sua relação com  
o todo. Os conceitos da Socio-  
logia já pressupõem uma experi-  
ência global de sociedade, ad-  
quirida pré-cientificamente. Es-  
sa concepção global se articula  
num esboço de teoria e através  
dessa construção a experiência  
global é controlada na experiên-  
cia particular. Os fenômenos  
singulares são, portanto, com-  
preensíveis somente no conjun-  
to de uma visão de sociedade.

Contrariamente, a "teoria  
analítica" compreende a Socio-  
logia estritamente segundo o  
modelo das ciências empíricas e  
julga desnecessária uma idéia  
prévia de sociedade, da mesma  
forma que é desnecessário ao  
biólogo saber o que é vida. A  
sociologia, nesta concepção,  
deve realizar uma análise racio-  
nal dos dados particulares que  
se lhe oferecem como objeto de  
pesquisa. Nessa análise de por-

menor, pode-se falar em "siste-  
ma" só num sentido amplo, ope-  
racional: sistema seria então  
uma conexão de funções que se  
explicam causalmente segundo  
princípios da ciência experi-  
mental. Somente tem valor cien-  
tífico proposições que resultem  
da observação controlável de  
um fenômeno físico, observa-  
ção esta repetível por qualquer  
sujeito.

Segundo os princípios meto-  
dológicos assim esboçados,  
também a relação da Sociologia  
com a práxis variará profunda-  
mente. Para uma concepção  
dialética das Ciências Sociais, a  
visão global pré-científica de so-  
ciedade deverá — justamente  
para ser global — abranger  
também a dimensão de futuro.  
Isso significa reconhecer à So-  
ciologia uma função eminentem-  
ente crítica: a análise inserida  
numa visão global e até anteci-  
padora da sociedade visará ne-  
cessariamente a práxis emanci-  
patória. Os fatos singulares já  
são analisados a partir de uma  
história vista criticamente e no  
horizonte do ideal de uma so-  
ciedade livre de repressões. A  
transformação da sociedade se-  
gundo esse ideal é, pois, a meta  
das Ciências Sociais. Elas não  
são "imparciais", como o dese-  
java o antigo ideal de "objetivi-  
dade científica", senão que se  
distinguem por um interesse  
político-prático de emancipa-  
ção.

(19) Sobre esta problemática cf. J. HABERMAS, Nachtrag zu einer Kontroverse (1963): Analytische Wissenschaftstheorie und Dialektik, em: J. HABERMAS, Zur Logik der Sozialwissenschaften. Materialien, Frankfurt 1973, 3ª ed., p. 9-38; W. SCHULZ, loc. cit., p. 145-147, 158-178, 205-207.

De acordo com o ponto de vista da "teoria analítica", as Ciências Sociais relacionam-se com a práxis social segundo o esquema "se... então": se alguém no contexto da práxis se define por tal fim, **então** deverá nesta situação social empregar tais e tais meios. Em acordo com sua posição de analista do fragmento, o sociólogo limita-se, portanto, a recomendações técnicas para uma escolha apta de meios que conduzam racionalmente à consecução de um fim. A ciência deverá, pois, manter-se imune de juízos de valor e reduzir-se a desenvolver técnicas, cuja unidade se limitará a ser operacional ou funcional.

Numa palavra: análise versus emancipação é a divisa que marca a oposição entre as duas perspectivas de concepção das Ciências Sociais.

Semelhantemente, encontram-se também duas linhas de compreensão na terceira ciência que foi escolhida para ilustrar a situação das ciências humanas que deveriam mediar o tema "homem" à Filosofia. De fato, também a **História** se encontra na encruzilhada de duas concepções opostas: uma dialética, outra que se poderia talvez denominar "analítico-estruturalista" (20).

A ciência histórica numa concepção dialética procura ler, nos fatos do passado, a própria dinâmica da história. Não se contenta com o singular já acontecido, mas põe-no em relação com o presente e o futuro, pergunta pelo verdadeiro sujeito da história, vê cada momento no movimento do todo, considera o homem na história, isto é, condicionando-a por ela e condicionando-a sempre de novo, ressalta a dimensão em que a história se realiza (para o marxista, por exemplo, a dimensão econômica). A ciência histórica é aqui "mestra da vida" na medida em que o contemporâneo aprende da história, descobre e critica suas tendências e prepara-se para enfrentá-las. A ciência histórica visa, portanto, tornar o homem livre das coações da história.

A compreensão de História que se poderia chamar de "analítico-estruturalista" (21), constrói-na como ciência experimental e assim parte de uma separação rígida entre "história" no sentido real-material (acontecimento passado) e "História" no sentido teórico-formal (o ocupar-se com o acontecimento passado, a ciência histórica). Na primeira acep-

(20) Sobre essas duas concepções cf. W. SCHULZ, *loc. cit.*, p. 494-507, 553-566, 681-594, 614-623.

(21) Aqui se trata da visão de Karl-Georg FABER, *Theorie der Geschichtswissenschaft*, Munique 1971. A obra não foi acessível ao autor deste artigo. Referida segundo a resenha dada por W. SCHULZ, *loc. cit.*, p. 620-623. Outras concepções que poderiam ser levadas em conta em sentido semelhante: cf. H. C. de L. VAZ, *A História em questão*, em: *Síntese N. F.* 1 (1974) 5-23.

ção da palavra, a "história" é o objeto da ciência histórica. E "história" significa então o passado como algo concluído, acabado, não mais manipulável e, portanto, objetivo no sentido mais estrito. Da mesma forma o homem é objeto da ciência histórica só enquanto fato da experiência (homem como objeto) e não enquanto pessoa responsável e capaz de ação moral (homem como sujeito). Só a consideração do homem como objeto é passível de conhecimento científico. Ver o homem no fluxo da tradição ou como sujeito da história pertence ao âmbito extracientífico. Assim também a ciência histórica tem que renunciar a uma explicação do "todo" da história e à pergunta pelo sentido da história. Entretanto, a ciência histórica como tal não está privada de sentido: sua tarefa é fornecer elementos de comparação (tomados do passado), para que se possa compreender o agir humano na atualidade. Não um nexu de influência, mas um nexu de semelhança, devido à identidade de estruturas própria ao homem, é o elo de ligação entre o passado e o presente, que interessa o historiador.

Entre as duas concepções extremas atuais de História, uma analítico-estruturalista, outra dialética, reina, pois, uma oposição: será a ciência histórica uma informação sobre o passado mais ou menos longínquo, mas sempre estruturalmente

idêntico ao presente, ou será antes uma descoberta de mecanismos opressores do homem que o influenciam e escravizam a partir do passado até o presente?

Nesta altura da reflexão, importa recordar brevemente o ponto de partida: para a Filosofia desempenhar sua tarefa de apreender seu tempo em pensamento, precisa hoje não só pensar as ciências, mas o homem. Ora, o homem apresenta-se hoje mediado pela ciências (e, no que se refere ao tema deste artigo, pelas ciências humanas). Entre estas, três foram escolhidas para servir de paradigma à mediação do homem à Filosofia. Entretanto surgiu um problema: as três ciências eram suscetíveis de serem desenvolvidas em perspectivas que se opunham. Assim surge agora a questão: Qual das perspectivas deve mediar o homem à Filosofia? Qual apreende realmente o homem?

À primeira vista essa pergunta pode deixar perplexo, pois remete de volta à Filosofia subjacente às diversas concepções opostas das três ciências tomadas a título de exemplo. A Filosofia que procurava as ciências humanas em busca de seu tema, é mandada de volta para examinar e criticar a concepção de homem já latente nas ciências humanas previamente à pesquisa científica. Mais ainda: as duas perspectivas de entender as ciências em questão não existem ao acaso, mas refletem

duas linhas de pensamento bastante unitárias, duas pré-concepções de homem bem definidas. A Psicologia behaviorista, a Sociologia analítica e a História analítico-estruturalista entregam o homem a um **decisio-**nismo irracional que o deixa à mercê do vento das ideologias e ao domínio de quaisquer poderes, sejam políticos, econômicos ou sociais. De fato, negando-se a refletir sobre a totalidade, as ciências humanas desenvolvidas nesta perspectiva caem inevitavelmente na absolutização de aspectos do real, de dimensões do todo. De onde se deriva uma falsa totalidade como horizonte destas ciências e, por ser parcial a "totalidade" em questão, exigirá ser complementada por uma autoridade estranha que a completará desde fora, a sua maneira. Assim a Psicologia behaviorista tomará a concepção do homem como aquele que reage a influências exteriores, elevá-la-á a única concepção válida de homem e deste modo o entregará ao arbítrio dos que podem manipulá-lo. A Sociologia analítica deter-se-á na análise das conexões entre fenômenos sociais particulares, verá o homem apenas no jogo dessas conexões e o confiará ao alvitre dos que tiverem poder para utilizar a

conexão de fenômenos ("se... então...") segundo suas intenções ideológicas ou seus interesses econômicos. A História analítico-estruturalista, na preocupação de deixar o passado em sua "objetividade", absolutizará o presente ou o perene no homem, concebê-lo-á a-historicamente e não lhe dará elementos para desmascarar a partir do passado as estruturas opressivas do presente.

Ao invés de entregar o homem à irracionalidade do decisionismo próprio ou alheio, a direção psicanalítica na Psicologia, a teoria crítica na Sociologia, a teoria dialética na ciência histórica procuram a libertação do homem: libertação das coações psíquicas, libertação das estruturas sociais opressoras, libertação das alienações que se manifestam constantes no decorrer da história. O homem é visto, portanto, nestas perspectivas das três ciências como o sujeito que constrói sua história, mas não como dotado de uma liberdade "des-situada", abstrata, quase-angélica, mas exatamente ao contrário: na medida em que a situação histórica o permite, e a partir dessa situação histórica (22). O homem é considerado, portanto, na totali-

---

(22) Cf. a apreciação que W. SCHULZ, loc. cit., p. 564, faz de Marx: "Die Leitidee von Marx, dass der Mensch selbst handelnd seine Geschichte in die Hand nehmen muss, dass er dies aber nur in dem Masse kann, wie es die geschichtliche Situation vorgibt, bleibt richtig, auch wenn Marx sich in manchen Punkten seiner Geschichtsdeutung 'geirrt' hat".

dade de suas dimensões (23) e é no horizonte dessa totalidade que se podem formular adequadamente proposições de valor científico sobre o homem.

As ciências humanas que deveriam mediar o homem à Filosofia, na realidade supõem a Filosofia. Haverá aqui uma contradição? Mostra-se inviável o caminho traçado neste artigo? Antes pelo contrário: exatamente nesta mútua mediação (24) se manifesta o sentido da Filosofia e das ciências humanas em sua especificidade e em seu entrelaçamento.

### III

A Filosofia mostra-se a partir daqui como o saber crítico da totalidade. Enquanto saber da totalidade, abre os horizontes da ciência particular que seria tentada a deter-se no singular; enquanto crítica, estabelece um rompimento com o cotidiano e nesse afastar-se permite uma visão mais ampla e abarcante. Ambos os aspectos estão, portanto, unidos: o afastamento crítico permite abarcar a totalidade e a visão do todo impõe um afastamento do singular, aliás, não para perdê-lo, mas para assumi-lo em sua verdade den-

tro do todo, isto é, numa nova esfera do saber, onde este singular se desenvolve em toda sua riqueza de relações.

Essas duas características distinguem a Filosofia das ciências humanas que precisam deter-se no dado particular e analisá-lo. Mas são também justamente as duas características de que as ciências humanas precisam para desempenharem melhor sua função e apreenderem com mais concretidade o dado empírico, pois só no horizonte global constituído com o devido espírito crítico o singular assume sua singularidade e o "concreto" adquire sua concretidade.

Como saber crítico da totalidade a Filosofia está num movimento constante, num processo de autocrítica e auto-superação. Mas não há neste fato de ser processo uma contradição? Um saber que se declara saber da totalidade, não deixa de ser saber e de ser total no momento em que se confessa em constante processo de autocrítica e auto-superação? Não renuncia ele a ser saber para tornar-se uma "docta ignorantia" ou uma "tendência ao saber" (no sentido de uma defi-

(23) Isto não significa que os modelos concretamente existentes das três ciências em sua perspectiva dialética veja **de fato** a totalidade das dimensões do homem. Tanto Freud como Habermas e Marx tem visões unilaterais do homem que não podem ser discutidas aqui. O juízo de valor feito no texto acima refere-se ao **método** como tal e não à realização concreta do método.

(24) Cf. H. C. de L. VAZ, Teologia e interdisciplinaridade (esquema), em: Atualização 5 (1974) 285-291, especialmente 286-288, onde acentua a mutualidade no relacionamento interdisciplinar.

nição etimológica de "Filosofia") (25)? Não, pois o fato de a totalidade em questão ser uma totalidade em realização na histórica, apreendida por sujeito histórico, em determinado momento da história, não lhe diminui o caráter de totalidade, mas sim o de totalidade estática apreendida a-historicamente. A Filosofia pode, pois, apresentar-se como saber (e não apenas tendência ao mesmo) (26), mas como saber **histórico**. "Histórico" significa então não apenas estar "acidentalmente" na história, mas ter como única mediação possível a história. Ora, essa mediação é sempre a mediação da história atual que é fruto e produto da história passada e só pode ser apreendida nesse movimento que levou do passado ao presente e que está neste momento começando a configurar o futuro. Desta forma a Filosofia é "seu tempo apreendido em pensamento".

Ora, um saber com estas características sem deixar de ser saber (para ser simples "tendência ao saber") não encerra a discussão, mas a inclui como momento interno do próprio sa-

ber (27). O saber inclui, pois, a negação. Autoconstitui-se, autonegando-se. Expressão de um desses momentos de negação é a dialética de Filosofia e ciências humanas, antes descrita.

Sendo "seu tempo apreendido em pensamento" como saber crítico da totalidade, a Filosofia descobre em cada um de seus momentos o que se pronuncia no horizonte do futuro. Ela pensa seu tempo criticamente, ou seja, ultrapassando-o. Nessa transcendência ao futuro, liberta o presente de perder-se em si mesmo (ou seja: de perder o sentido global) para encontrar a totalidade no momento. Essa é a tradução em termos gerais da relação de Filosofia e ciências (humanas): libertar a ciência da perda de sentido global para um encontro do total no particular.

O sentido da Filosofia hoje é o sentido interno a toda a história do filosofar: libertar para o futuro. Sua tarefa é, pois, absolutamente necessária, sua função eminentemente humanizadora. Mas exatamente ao definir-se a Filosofia nestes ter-

(25) Neste último sentido entende a Filosofia R. SCHAEFFLER, *Philosophie*, em: *Sacrum III* 1164-1194 (especialmente 1164-1169); trad. esp.: III 157-188 (157-162).

(26) Cf. o que escreve G. W. F. HEGEL, *Phänomenologie des Geistes* (ed. J. HOFFMEISTER), Hamburg 1952, 6ª ed., p. 12: "Die wahre Gestalt, in welcher die Wahrheit existiert, kann allem das wissenschaftliche System derselben sein. Daran mitzuarbeiten, dass die Philosophie der Form der Wissenschaft näherkomme. — dem Ziele, ihren Namen der **Liebe** zum **Wissen** ablegen zu können und **wirkliches Wissen** zu sein. — ist es, was ich mir vorgesetzt"

(27) Cf. a designação da Filosofia como "discussão indefinida" em: H. M. BAUMGARTNER — H. KRINGS — C. WILD, art. cit., p. 1072-1073.

mos, entra-se num movimento dialético que inclui como seu momento interno a negação do filosofar com a passagem a uma práxis liberadora que, por sua vez, se remeterá constantemente ao processo do filosofar. Mas explicar esta nova dialética já seria iniciar novo artigo. Que a

problemática seja pelo menos esboçada em suas linhas generalíssimas para que o alcance da relação entre Filosofia e ciências humanas aqui estudada seja melhor vislumbrado e com isso também a atualidade da Filosofia como tarefa humanizadora.